Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

GUERRA DO PACÍFICO: A HISTÓRIA DE UMA DERROTA

PACIFIC WAR: THE HISTORY OF A DEFEAT

Ruth Cavalcante[1]
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

RESUMO
A Guerra do Pacífico (1879-1884) foi um conflito bélico que envolveu o Chile, o Peru e a Bolívia. O objetivo desse artigo consiste em refletir sobre as consequências desse confronto para o Estado peruano. Para tanto, analisamos duas fontes históricas que foram produzidas por intelectuais que pegaram em armas e lutaram em batalhas: *Cartas a Piérola sobre la ocupación chilena de Lima* (entre 1880 e 1889), de Ricardo Palma e *Discurso en el Politeama* (1888), de Manuel González Prada. O primeiro alegou que a razão do fracasso do Peru no combate beligerante contra os chilenos se deu pelo motivo do país ter uma população massivamente indígena, considerada inferior e inútil; ao passo que o segundo afirmou que a razão do fiasco bélico se deu justamente pelo fato dos índios serem subalternizados e tratados como serviçais, e não como cidadãos da República peruana. Esse trabalho faz uma reflexão dessas duas perspectivas distintas e demonstra o quanto a questão indígena foi um tema importante, no contexto dos fins do século XIX, para discutir as razões da derrota do Peru na Guerra do Pacífico.

PALAVRAS-CHAVE: Peru; Guerra do Pacífico; Índios; Ricardo Palma; González Prada.

ABSTRACT
The Pacific War (1879-1884) was a war conflict that involved Chile, Peru and Bolivia. The purpose of this article is to reflect on the consequences of this confrontation for the Peruvian state. To this end, we analyzed two historical sources that were produced by intellectuals who took up arms and fought in battles: *Cartas a Piérola sobre la ocupación chilena de Lima* (between 1880 and 1889), by Ricardo Palma and *Discurso en el Politeama* (1888), by Manuel González Prada. The first alleged that the reason for Peru's failure in the war against the chileans was because the country had a massively indigenous population, considered inferior and worthless; whereas the second stated that the reason for the war fiasco was precisely because the Indians were subordinated and treated as servants, not as citizens of the Peruvian Republic. This paper reflects on these two distinct perspectives and demonstrates how important the indigenous issue was, in the context of the late nineteenth century, to discuss the reasons for Peru's defeat in the Pacific War.

KEYWORDS: Peru; Pacific War; Indians; Ricardo Palma; González Prada.

---

[1]Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado, em andamento, intitulada *El problema del indio es el problema del Perú*, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: donaruth26@hotmail.com.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho faz uma reflexão sobre o quanto a questão indígena foi um tema importante para que intelectualidade peruana dos fins do século XIX pensasse as causas da derrota do Peru na Guerra do Pacífico (1879-1884). Nesse artigo, apresentamos de forma panorâmica quais foram as motivações do conflito, quais foram as consequências desse evento para o Estado peruano e como indivíduos que lutaram na guerra, como Ricardo Palma, Andrés Cáceres e Manuel González Prada pensaram o papel do índio no confronto bélico contra os chilenos. Para tanto, recorremos a análise de fontes históricas produzidas por esses personagens, com destaque especial para o escrito *Discurso en el Politeama* (1888), de González Prada.

No contexto do século XIX, a maioria da população peruana era constituída por povos indígenas. No entanto, esses setores eram excluídos da participação da vida política do país, sofriam com a aguda exploração do seu trabalho e não recebiam nenhum benefício de políticas públicas voltadas para o seu bem-estar social.

É importante demarcar que não podemos pensar os índios peruanos como se eles fossem um bloco unitário com o mesmo idioma, cultura, sistema de crenças e de valores. Havia no século XIX uma pluralidade de povos indígenas no Peru.[2] Os principais grupos étnicos[3] que residiam na região e que, não raro, mantinham relações

[2] González Prada não enxergava a heterogeneidade social/racial do Peru como um elemento positivo. Que fique claro que ele não chegou a se aprofundar em nenhuma ideia de "heterogeneidade étnica", mas identificou que existia uma total "falta de acordo" entre os brancos, os índios, os negros e os orientais. Na visão do intelectual, essa variedade de "povos" dificultava que a nação pudesse se desenvolver de forma mais harmoniosa. Contudo, o problema maior não estava necessariamente na variedade de grupos que habitavam o país, mas sim na inabilidade e na incapacidade do Estado em congregá-los e unifica-los. "*González Prada percibía esta heterogeneidad que veía como una debilidad nacional. De hecho, como sugiere Bonilla, uno de los mensajes del iconoclasta fue el de mostrar la profunda incapacidad de la clase dirigente para cohesionar efectivamente una nación y levantar un Estado efectivamente nacional*" (WARD, 2009, p. 142). Apesar de visualizar a dificuldade do Estado peruano em integrar em seu seio todos os membros da nação, González Prada acreditava que o Peru não teria futuro enquanto a população indígena não fosse assimilada, incluída e integrada à nacionalidade.

[3] Joan Davidson nos esclarece sobre o conceito de etnia. Segundo o autor, a raiz das palavras étnico/etnicidade provém do grego *ethnos,* que quer dizer povo, ou nação. No Velho Testamento, o grego *ethnos* significa os bárbaros, os "outros"; sendo uma tradução direta do hebraico *goyim*. A palavra inglesa *"ethnic*" foi usada pela primeira vez com o sentido de "não convertido". No século XIX, quando uma visão biológica das divisões raciais era aceita quase que universalmente, "étnico" se referia à raça. À medida que a visão biológica da "variação humana" se enfraqueceu no século XX, os termos "étnico" e "grupos étnicos" passaram a se referir mais a linguagem e a cultura, embora ainda estivessem

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

conflitivas entre si, eram os quéchuas (descendentes dos Incas que se concentravam na região que atualmente corresponde a Cusco e suas imediações), os de origem aimará (provenientes dos altiplanos acercados do Lago Titicaca) e os grupos amazônicos (conjunto de sociedades heterogêneas da localidade que corresponde a atual Floresta Amazônica Peruana).

Pensar em como se deu a participação dos povos indígenas do Peru no conflito bélico contra o Chile e como a intelectualidade peruana interpretou esse processo ainda é uma faceta pouco explorada pela historiografia. Por essa razão, esse estudo reflete sobre essa problemática com o intuito de trazer maiores esclarecimentos sobre a participação do Peru na Guerra do Pacífico.

2 O CONFLITO ENTRE PERU, BOLÍVIA E CHILE

No ano de 1878, o governo boliviano aumentou a taxação das empresas chilenas que estavam explorando salitre e outros recursos minerais em seu território. O imposto que a Bolívia passou a exigir era moderado, no valor de 10 centavos por cada quintal de salitre explorado na zona de seu domínio. Todavia, este novo encargo rompia com um acordo tributário estabelecido com as empresas chilenas há décadas atrás (CONTRERAS; CUETO, 2007, p. 162).

A Bolívia e o Chile haviam assinado um acordo chamado de Tratado de Limites, em que ambos países concordaram de repartir entre si, até o ano de 1899, as rendas provenientes “dos impostos da exploração de metais extraídos da chamada zona de mútuos benefícios que compreendiam a região entre os paralelos 23ºS e 25ºS” (HEINSFELD, 2016, p. 3). Nesse Tratado:

---

relacionados aos fatores de descendência e de hereditariedade. A partir da década de 1970, o conceito de etnia passou a ser bastante utilizado pelos autores que escreviam sobre nacionalismo e os críticos pós-colonialistas. Desde então, muitos esforços foram dedicados para encontrar uma definição do que constitui uma etnia. As definições do termo variaram em complexidade e precisão. Contudo, os principais elementos em comum remetem ao "sentido de povo", em que a etnicidade constitui uma interação autoconsciente de identidade por parte do "povo" envolvido e os seus critérios definidores fundamentais são linguísticos e culturais (DAVIDSON, 2011, p. 238).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

> Ficava fixada a fronteira entre Chile e Bolívia no paralelo 24° sul. Esse paralelo era a região intermediária dentre as aspirações desses países. Definia-se também que entre os paralelos 23° e 25° Sul se instalaria uma Zona Econômica Compartilhada, onde todos os impostos provenientes das atividades mineiras seriam divididos entre Chile e Bolívia, e esse último ainda reconheceria os investimentos chilenos na região (CANAVEZE, 2010, p. 28).

No Tratado de Limites, *"o governo boliviano se comprometera a não criar novos impostos e a isentar de qualquer reajuste tributário os capitais industriais chilenos localizados entre os paralelos 23° e 24°"* (CANAVEZE, 2010, p. 32). O estopim do Guerra do Pacífico se deu quando os empresários do Chile, com apoio dos britânicos que tinham investido capitais em suas companhias, se recusaram a pagar os novos encargos exigidos pela Bolívia, alegando que os bolivianos estavam rompendo com o acordo tributário estabelecido pelo Tratado de Limites. Ante a admoestação e advertência do governo boliviano, somada à ameaça e à tentativa de expropriar e nacionalizar as empresas salitreiras chilenas, o Chile enviou forças armadas para ocupar o litoral boliviano. Diante da situação de invasão militar e de afronta chilena à sua soberania nacional, a Bolívia recorreu ao Tratado de Aliança Defensiva que havia firmado com o Peru em 1873 (BONILLA, 1982, p. 131-132).

O Tratado de Aliança Defensiva foi acordado entre o Peru e a Bolívia de forma secreta, em que ambos países concordavam em unir forças militares caso um deles sofresse uma agressão externa. O TAD foi orquestrado, sobretudo, visando conter o expansionismo chileno na região do deserto do Atacama, rico em recursos minerais. O objetivo de tal aliança era o de buscar preservar a integridade territorial da Bolívia e do Peru, assim como assegurar a independência, a autonomia e a soberania dessas nações caso elas sofressem alguma ameaça ou ataque. A Bolívia e o Peru também tentaram convencer à Argentina a aderir ao TAD, uma vez que os argentinos estavam enfrentando uma crise diplomática com os chilenos que ambicionavam se apossar do território da Patagônia. Todavia, a Argentina se recusou a integrar essa aliança (CANAVEZE, 2010, p. 31-38).

Quando as forças armadas chilenas ocuparam o território boliviano, o governo do Peru cumpriu com o Tratado de Aliança Defensiva de 1873 e declarou guerra aos chilenos. O Estado peruano temia as investidas de caráter expansionista que o Chile estava empreendendo nas regiões localizadas na Costa do Pacífico, estando receoso de

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

que o seu território, cedo ou tarde, também pudesse vir a ser invadido. As consequências deste conflito foram traumáticas, sobretudo para os peruanos e os bolivianos. Milhares de vidas foram ceifadas e parte dos territórios do Peru e da Bolívia, que eram ricos em recursos naturais e minerais, foram tomados e anexados ao Estado chileno, o vencedor da guerra.[4]

Somente o Chile saiu fortalecido deste confronto, pois *"o país ganhou um acréscimo substancial de territórios e se apoderou das jazidas de guano e de salitre, o que impulsionaria a sua economia por quarenta anos"* (BECHELLI, 2005, p. 361), ao passo que o Peru perdeu a região de Tarapacá e cedeu aos chilenos a administração das províncias de Tacna e Arica. A Bolívia, por sua vez, foi destituída da importantíssima província de Antofagasta, que era a única localidade de seu território que tinha acesso para o Oceano Pacífico e, até os dias atuais, o Estado boliviano continua sem saída soberana para o mar.

No caso do Peru,[5] em 1879, as tropas chilenas ocuparam Tarapacá e bloquearam parte dos portos do país, impedindo a exportação dos principais produtos (guano, nitrato e açúcar), desestabilizando, consequentemente, a economia peruana. Concomitantemente, a política interna foi ao caos quando o presidente da república, Mariano Ignácio Prado, em um ato de desespero perante a invasão chilena, fugiu para a Europa com a desculpa de ir buscar novos empréstimos para sustentar o esforço da guerra. Diante da deserção de Prado, o aristocrata limenho Nicolás de Piérola, com o

[4] Santarosa esclarece que no início do conflito era difícil antever seu resultado, pois "os dois lados detinham, hipoteticamente, certas vantagens e fraquezas. Peru e Bolívia contavam com maior população e tamanho, o que se refletia em exércitos numericamente superiores. Todavia, a Bolívia virtualmente não possuía marinha de guerra. A vantagem naval seria de fato crucial. Asseguraria ao Chile, após os combates marítimos de Iquique (21 de maio de 1879), quando o Independência (navio peruano) é posto a pique, e de Angamos (8 de outubro de 1879), ocasião em que o Huáscar (navio peruano) é capturado, um domínio total das costas do Pacífico Sul até o final da guerra. Daí em diante, o conflito resumiu-se a campanhas em terra, apoiadas por desembarques cada vez maiores de tropas chilenas, que vão paulatinamente assegurando o domínio de porções de território, mais e mais ao Norte, o que permite dividir a etapa terrestre da guerra em três fases, consoante o quinhão territorial conquistado pelo Chile aos aliados peruanos e bolivianos: campanha de Tarapacá (outubro-novembro de 1879); campanha de Tacna e Arica (junho de 1880); e campanha de Lima (dezembro de 1880-janeiro de 1881). Seguiu-se a ocupação do Peru, efetiva, sobretudo na costa, durante quase três anos, até a assinatura do Tratado de Ancón, em outubro de 1883". (SANTAROSA, 2002, p. 94-95)

[5] No caso da Bolívia, segundo Santarosa, o evento mais traumático da guerra foi quando em 14 de fevereiro de 1879, soldados chilenos desembarcaram em Antofagasta, tomando-a sem dificuldade. A alegação chilena era a de que, tendo a Bolívia descumprido o Tratado de 1874, ficavam suas disposições limítrofes anuladas, repristinando-se aquelas do Tratado anterior, de 1866, que concediam ao Chile o condomínio sobre os recursos naturais até o paralelo 23º S. Logo, segundo o juízo chileno, a ocupação era legítima e visava simplesmente assegurar os direitos nacionais previstos neste último instrumento (SANTAROSA, 2002, p. 93).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

apoio dos militares, deu um golpe de Estado e assumiu a presidência. Contudo, defender a soberania do Peru nos duros anos de guerra se transformou em uma tarefa exaustiva, visto que nos princípios de 1880, as importantes e ricas províncias de Tacna e Arica foram tomadas pelos soldados inimigos e, em setembro do mesmo ano, o litoral norte foi ocupado pelas forças chilenas (CATANELI, 2009, p. 32).

Houve resistência das tropas e de parte dos civis peruanos ante a invasão de seu território, destacando-se a campanha naval liderada por Miguel Grau, que no pós-guerra foi declarado herói nacional,[6] e as sangrentas batalhas de San Francisco, Tarapacá, Tacna, San Juan e Miraflores. Não obstante, as forças peruanas foram derrotadas e os chilenos empreenderam uma ocupação armada em diversos pontos estratégicos do país. O evento mais dramático e violento do conflito foi quando, em 1881, os chilenos, com apoio dos britânicos, invadiram com um exército de 26 mil homens a cidade de Lima, sitiando-a ao longo de quase três anos (SANTAROSA, 2002, p. 83).

Foi o jurista Francisco Garcia Calderón que conseguiu firmar um acordo de paz com o Chile, concedendo territórios e consentindo às empresas chilenas a exploração do guano e do salitre peruano a fim de reembolsar os seus oponentes pelos custos da guerra. Isto significa que o prejuízo econômico em decorrência do confronto foi altíssimo para o Peru. O país foi literalmente à bancarrota. Somente após este acordo articulado por Calderón, os chilenos desocuparam e devolveram Lima às autoridades peruanas (BONILLA, 1982, p. 130-138).

[6] José Murilo de Carvalho nos esclarece que heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e de aspirações, pontos de referência e fulcros de identificação coletiva. Eles são instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos e, herói que se preze, tem de ter a "cara" da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado (CARVALHO, 1990, p. 55). Em pleno contexto da Guerra do Pacífico, a figura de Miguel Grau já era exaltada como o homem de coração valente que estava defendendo a pátria peruana. Ele perdeu a vida em um confronto naval contra os chilenos e seu sacrifício estimulou um culto cívico em torno da sua imagem. Miguel Grau se transformou em um símbolo de resistência. Seu nome foi dado a avenidas, monumentos e foi mitificado pela historiografia peruana como o grande herói da nação.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

Ricardo Palma[7] (1833-1919), em março de 1881, fez relatos sobre o instinto de aniquilação e de rapinagem que os chilenos expressaram ao se apoderar e tomar a capital:

> Hace diez días que el saqueo se ha hecho extensivo a los museos Raimondi y anatómico de la escuela de Medicina, instrumentos de la escuela de Minas, biblioteca de la universidad y biblioteca pública, sin que esos cabaleros que diz que van a ser gobierno hayan dado el menor paso para contener tamaño vandalaje. Los muebles de las oficinas de palacio desaparecen y los archivos de relaciones exteriores y hacienda se encajonan para ser transportados a Chile (PALMA, 1979, p. 27).

No cenário do conflito bélico, as forças chilenas saquearam e transportaram para os museus, arquivos, bibliotecas e universidades do Chile o que puderam do patrimônio artístico, histórico e literário peruano, a exemplificação da depredação, incêndio e do confisco das obras da Biblioteca Nacional. Ela era a mais importante do Peru e uma das mais antigas e ricas do continente americano, possuindo um acervo de manuscritos, de livros, de obras artísticas e cartas de valor histórico inestimável. Contudo, dos 58,000 exemplares que possuía antes da Guerra de 1879, após a invasão, só restaram 783 obras. Depois que os chilenos desocuparam a capital, Ricardo Palma tornou-se como Diretor da BN no ano de 1884. Nesse contexto, ganhou o apelido de "bibliotecário mendigo", uma vez que aceitou dirigir uma biblioteca que foi deixada em ruínas e passou muitos anos promovendo arrecadações de livros para recuperar, em parte, o acervo da BN (UGARTE, 1979, p. 13-14).

Em sua contemporaneidade, Ricardo Palma foi uma figura muito reconhecida, tornando-se um dos escritores mais respeitados e lidos do Peru. Além disso, foi um dos dirigentes do Clube Literário, uma associação que aglutinava as principais personalidades da atmosfera artística, literária e intelectual de Lima (CANTANELI, 2009, p. 41).

---

[7] Ricardo Palma era um homem proveniente da classe média peruana, mas que por sua atuação como periodista no jornal *El Comercio* e por seus romances, poesias e trabalhos historiográficos - destacando-se as obras *El santo de Panchita* (1859), *Anales de la Inquisición de Lima* (1863) e *Tradiciones peruanas* (Buenos Aires, 1890) - foi se projetando e ocupando espaços na alta sociedade limenha. Em pleno contexto da Guerra do Pacífico, ele foi um fiel correspondente de Piérola, o então presidente da República e o principal organizador da defesa de Lima contra os exércitos chilenos.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

Outro intelectual de nosso interesse que também participou do conflito foi Manuel González Prada[8] (1844-1918). Na guerra, ele se tornou Oficial de Reserva; pegou em armas e lutou diretamente contra a invasão do exército chileno. No entanto, quando Lima caiu e ficou sitiada, González Prada se enclausurou por livre e espontânea vontade em uma das fazendas da sua família, recusando-se a ter qualquer contato com os chilenos.

> Me encerré y no salí de mi casa ni me asomé a la calle mientras los chilenos ocupaban Lima. Cuando supe que la habían abandonado, quise dar una vuelta por la ciudad. Pues bien, a unos cincuenta metros de mi casa me encontré con un oficial chileno: había sido mi condiscípulo, mi mejor amigo en un colegio en Valparaíso. Al verme, iluminó su cara de regocijo, abrió los brazos y se dirigió a mí con intención de estrecharme. Yo seguí mi camino como si no lo hubiera reconocido (GONZÁLEZ PRADA, 2009, p. 324).

O rancor e a mágoa de González Prada para com os chilenos durou toda a sua vida, a ponto de escrever, em 1888, um dos escritos que mais repercutiram na sociedade peruana dos fins do século XIX: *Discurso en el Politeama.*

Discurso en el Politeama é acima de tudo um chamado a revanche. González Prada argumentou que deveria ser mantida viva na memória dos peruanos toda a brutalidade, a rapinagem e a humilhação que os chilenos impuseram ao Peru. Seu discurso incentivava, por um lado, ao desenvolvimento do espírito de patriotismo peruano e, por outro, instigava ao revanchismo em relação ao Chile. "*¡Ojalá cada una de mis palabras se convierta en trueno que repercuta en el corazón de todos los peruanos y despierte los dos sentimientos capaces de regenerarnos y salvarnos: el amor a la patria y el odio a Chile!"* (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 26-27).

González Prada acusou o país vizinho de ter mutilado o território nacional peruano. Neste sentido, incitou a juventude do Peru à vingança e à retaliação contra os chilenos. *"Niños, sed hombres, madrugad a la vida, porque ninguna geración recibió herencia más triste, porque ninguna tuvo deberes más sagrados que cumplir, errores más graves que remediar, ni venganzas más justas que satisfacer".* Desta maneira, o intelectual disseminou um discurso de ódio e de desforra contra o Chile. "*Lancemos una*

[8] Manuel González Prada era proveniente de uma abastada família aristocrata limenha. Por escolha própria, abandonou o curso de Direito na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* e nunca fez nenhum curso superior. Ao longo da sua existência, viveu confortavelmente usufruindo das rendas da sua família. A partir da década de 1870, dedicou-se intensamente ao trabalho intelectual, atuando como escritor, poeta e ensaísta. Alguns de seus trabalhos mais destacados que reverberaram na sociedade peruana da sua época foram *Pájinas libres* (1894), *Nuestros indios* (1904), e *Horas de lucha* (1908).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

chispa que inflame en el corazón del pueblo el fuego para amar con firmeza todo lo que se debe amar, y para odiar con firmeza todo lo que se debe odiar" (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 26).

Tanto Ricardo Palma quanto González Prada foram intelectuais muito destacadas e reconhecidos no Peru republicano dos fins do século XIX e princípio do século XX. Os dois expuseram suas vidas ao pegar em armas para defender o território peruano contra os chilenos. Por essa razão, esse artigo faz uma reflexão sobre as razões que levaram esses homens que participaram diretamente do conflito a estabelecer correlações entre o problema do índio as causas da derrota do Peru na Guerra do Pacífico.

3 O PROBLEMA INDÍGENA NOS TEMPOS DE GUERRA

A obra de Ricardo Palma intitulada *Cartas a Piérola sobre la ocupación chilena de Lima,* reuniu um conjunto de correspondências, enviadas entre os anos de 1880 e 1889, que Palma mandou para o presidente do Peru, José Nicolás de Piérola, em pleno contexto do conflito bélico contra o Chile e, também, após a retirada das tropas inimigas do país.[9]

Nas dezenas de cartas dirigidas à Piérola, Palma atuou como um informante que objetivava deixar o presidente a par sobre o que estava acontecendo em Lima durante o processo de ocupação dos exércitos chilenos na capital e, também, narrar como os peruanos estavam defendendo o território nacional. Em uma das cartas para o presidente Piérola, descreveu o seguinte em relação a sua resistência contra os chilenos:

> Mi salud sigue achacosa, que me siento muy débil por consecuencia de la mucha sangre perdida en el maltrato de que fui víctima, busco la manera de dejar recursos a mi familia. En el incendio de Miraflores perdí mi modesto rancho, mi curiosa biblioteca americana de más de tres mil volúmenes, formada no con poco gasto en veinticinco años de constante afán, mis muebles y cuanto poseía, salvando mi esposa y niños con lo encapillado. A

[9] A obra *Cartas a Piérola sobre la ocupación chilena de Lima*, reuniu um conjunto de cartas que foram compiladas pelo historiador Rubén Vargas Ugarte que, na década de 1960, teve acesso a documentos inéditos que pertenciam aos arquivos pessoais da família de Nicolás de Piérola. Para o pesquisador, a autenticidade desses documentos "*no puede ofrecer duda alguna pues están tomadas con escrupulosidad de los mismos originales, porque don Nicolás, entre otras cualidades que lo adornaban, poseyó la de guardar ordenadamente y con fidelidad la correspondencia que recebía"* (UGARTE, 1979, p. 9).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

> pesar de todo, días más, días menos, tan luego como apunto fijo sepa cuál es el lugar que usted elige para organizar la resistencia, cumpliré con lo que me ordenan mi corazón y mi consciencia. (PALMA, 1979, p. 20)

Para o intelectual, que lutou e pegou em armas para defender a capital e teve a sua casa incendiada pelas forças de ocupação durante a batalha de Miraflores, uma das principais causas da derrota peruana na guerra foi a de que:

> En mi concepto, la causa principal del gran desastre de 13 está en que la mayoría del Perú la forma una raza abyecta y degradada, que usted quiso dignificar y ennoblecer. El indio no tiene el sentimiento de la patria; es enemigo nato de blanco y de hombre de la costa y, señor por señor, tanto le da ser chileno como turco. Así me explico que batallones enteros hubieron arrojado sus armas en San Juan, sin quemar una cápsula. Educar al indio, inspirarle patriotismo, será obra no de las instituciones sino de los tiempos (PALMA, 1979, p. 20).

Esta citação acima foi extraída de uma carta que Ricardo Palma enviou ao presidente Piérola em fevereiro de 1881. Para o intelectual, o fracasso do Peru na guerra contra o Chile ocorreu porquê o território era majoritariamente habitado por uma "raça abjeta", que praticamente não lutou para defender a pátria contra os invasores. Percebemos que Palma, influenciado pelas ideias dominantes do século XIX, assentadas na perspectiva do Darwinismo Social,[10] enxergava aos índios como seres inferiores.

O pensamento de Ricardo Palma em relação aos índios foi marcado pelo paradigma do racismo científico. O intelectual absorveu um conjunto ideias advindas da Europa e dos EUA que pregavam que existia uma hierarquia entre as raças da espécie humana e que o homem branco estava no topo da escala evolutiva. A partir da recepção dessas crenças e da adaptação delas a realidade nacional, Palma contribuiu para forjar representações sociais negativas a respeito dos indígenas, colocando-os em um papel de seres atrasados e rudimentares, justificando, dessa forma, toda a subalternização social,

[10] "A publicação e divulgação de "A Origem das Espécies", de Charles Darwin (1809-1882), em 1859, fez com que um novo e importante paradigma ganhasse as discussões raciais: o evolucionismo. A partir daí, o conceito de raça ultrapassa os problemas estritamente biológicos, adentrando questões de cunho político e cultural. Surge, assim, o Darwinismo Social, bem como o uso de termos Darwinistas como competição, seleção do mais forte, evolução e hereditariedade. Na política, o Darwinismo serviu para justificar o domínio ocidental sobre os demais. O Darwinismo Social, juntamente com a antropologia e a etnografia do século XIX ajudaram a construir a ideia de "missão civilizatória" das potências imperialistas. Desse modo, são conhecidos os vínculos que unem esse tipo de modelo ao imperialismo europeu, que tomou a noção de "seleção natural" como justificativa para a explicação do domínio ocidental, "mais forte e adaptado" (HOBSBAWN *apud* BARBOSA, 2016, p. 263).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

econômica e política a qual os índios eram submetidos. Por outro lado, enxergou aos *criollos*,[11] como seres mais desenvolvidos e aptos para governar o país.

A questão que nós levantamos é: se a maioria dos povos indígenas não era tratada como cidadãos da República e viviam em uma sociedade que os marginalizava e os excluía, por que lutariam por um Estado que, na prática, nunca os acolheu? Palma condenou a postura dos índios por eles não terem sentimentos de lealdade e de patriotismo para com a nação peruana, mas ao chamá-los de seres degradados e abjetos, além de insinuar que eles eram covardes e inimigos dos homens brancos da costa, o intelectual deixou transparecer que não os enxergava como "iguais", mas sim como indivíduos inferiores. Palma exigiu uma postura patriótica dos índios, mas ele mesmo não os visualizava como seus compatriotas.

Percebemos que o fiasco bélico do Peru na Guerra do Pacífico foi usado de desculpa para reafirmar e reforçar os preconceitos raciais da sociedade contra os povos indígenas. Ricardo Palma foi um intelectual que se inseriu nos ciclos da alta sociedade peruana e adotou a mentalidade dos setores dominantes que, humilhados pelo fracasso beligerante ante os chilenos, não quiseram assumir a responsabilidade pela derrota no conflito armado. Assim, descontaram a sua frustação na população, em especial, nos índios e nos mestiços, culpabilizando-os pela derrocada do Peru no confronto contra o Chile (BECHELLI, 2005, p. 361).

No cenário da Guerra do Pacífico, os postos de comando da hierarquia militar foram ocupados pelos *criollos* e as bases das tropas peruanas eram compostas, sobretudo, por indígenas (homens que, em sua maioria, estavam acostumados a trabalhar nos campos), e também por mestiços. Foi relativamente fácil para os chilenos, com superioridade bélica e exércitos experientes e bem treinados,[12] derrotar as forças de resistência do Peru, uma vez que boa parte das tropas peruanas não recebeu treinamento militar apropriado para empreender a ação de defender a pátria, como ressalta Manuel González Prada, no escrito *Impresiones de un reservista:*

---

[11] No contexto colonial os criollos eram os filhos de espanhóis, mas que nasceram no continente americano. No pós-independência da Espanha, eles assumiram a direção política e administrativa dos novos Estados que se forjaram na América hispânica.

[12] Santarosa esclarece que as forças armadas chilenas estavam mais bem organizadas e acostumadas ao combate – na década de 1870, ainda prosseguiam as campanhas contra os mapuches na Araucania – e, sobretudo, sua marinha possuía melhores meios, dotados de poder de fogo superior. O Chile recém adquirira na Inglaterra os navios blindados Cochrane e Blanco Encalada, muito superiores aos blindados peruanos Huáscar e Independência, da década de 1850. (SANTAROSA, 2002, p. 94-95)

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

> Los pocos dispersos recogidos y llevados al Pino ofrecían un aspecto lamentable. Algunos pobres indios de la Sierra (morochucos, según dijeron) llevaban rifles nuevos, sin estrenar; pero de tal modo ignoraban su manejo que pretendían meter la cápsula por la boca del arma. Un coronel de ejército se lanzó a prodigarles mojicones, tratándoles de indios imbéciles y cobardes. Le manifesté que esos infelices merecían compasión en lugar de golpes. No me escuchó y quiso seguir castigándoles (GONZÁLEZ PRADA, 2009, p. 322).

Estrategicamente, o Estado peruano falhou ao decidir honrar com o Tratado de Aliança Defensiva, uma vez que ele não estava belicamente preparado para enfrentar uma guerra. "*Caímos porque Chile, que vela mientras el Perú duerme, nos sorprendió pobres i sin crédito, desprevenidos i mal armados, sin ejército ni marina"* (GONZÁLEZ PRADA, 2004, p. 17). Os exércitos do Peru, apesar de numericamente superiores aos dos chilenos, receberam um treinamento militar superficial e feito de improviso. Desta forma, os índios camponeses que foram compulsoriamente recrutados para atuar no confronto se converteram em buchas de canhão.

Nelson Manrique chamou a atenção para o fato de que, do ponto de vista militar tradicional, os peruanos foram derrotados na guerra com a tomada de Lima pelo exército do Chile. Todavia, o autor afirma que o conflito permaneceu durante anos, pois as regiões da serra central e da serra norte nunca se renderam e fizeram frente ao avanço das campanhas chilenas, conseguindo impedir a ocupação e a tomada do controle dos postos administrativos (MANRIQUE, s/d, p. 4-12).

Sob a liderança do Marechal Andrés Cáceres (1836-1923), os indígenas destas localidades fizeram uma guerra de guerrilha, buscando *"oponer al invasor la mayor resistencia posible, aprovechando de los obstáculos naturales y tratando de hacer comprender al enemigo, que aun después de nuestros desastres, es el Perú bastante terrible para el que pretenda humillarlo"* (CÁCERES, 1921, p. 155).

Cáceres, além de organizar e comandar um exército regular de resistência nos Andes, também liderou uma luta armada formada por grupos indígenas guerrilheiros que atuavam por meio de emboscadas e de ataques surpresa. Estas guerrilhas indígenas conseguiram algumas vitórias sobre o exército chileno, como a ocorrida no departamento de Junín (MANRIQUE, s/d, p. 4-12). Contudo, nem todas as comunidades indígenas da serra andina se envolveram na guerra. Contreras e Cueto

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

alegam que parte das comunidades buscaram se manter à margem do conflito devido aos poucos vínculos estabelecidos com a recém-criada nação.

> Sesenta años de vida independiente no habían servido para soldar vínculos nacionales en el Perú, manteniéndose el país como un conglomerado disperso de grupos étnicos. No éramos una nación, sino apenas "un territorio habitado" apostrofó ácidamente Manuel González Prada. Este planteamiento se vería corroborado por el hecho de que los oficiales chilenos recibieron órdenes de su comando de no molestar a los grupos indígenas, haciéndoles entender que la guerra no era con ellos (CONTRERAS; CUETO, 2007, p. 171).

Para Manrique, a razão para que uma gama de comunidades indígenas, principalmente as da serra sul, não terem atuado belicamente em favor do Estado peruano se deu porque esta era a região do país em que reinava mais violentamente o império do *gamonalismo,*[13] em que os índios tinham sido despojados das suas terras comunais e eram submetidos a um brutal regime de servidão (MANRIQUE, s/d, p. 376). Já na serra norte e na serra central, em que o avanço das *haciendas* não era tão ostensivo, os indígenas que trabalhavam nas suas propriedades comunais participaram mais ativamente nas guerrilhas e, eles faziam isto de forma voluntária, elegendo democraticamente os chefes locais que expressavam os seus interesses imediatos e pessoais, como a defesa do seu território, da sua família e dos seus pertences contra as forças de ocupação chilena (MANRIQUE, s/d, p. 4-12).

A principal reivindicação dos guerrilheiros indígenas girava em torno da proteção das suas terras. No contexto do conflito bélico, em nenhum momento os índios reivindicaram o seu acesso à sociedade política peruana. Esta questão estava fora do seu horizonte de expectativas. Eles não estavam exigindo os seus direitos e a sua incorporação na sociedade nacional, mas sua ação buscava consolidar a autarquia das comunidades, de acordo com a tradicional utopia camponesa que pleiteava garantir o bem-estar, a proteção e a prosperidade de todos os membros da comunidade (MANRIQUE, s/d, p. 384).

No cenário do pós-guerra, a imagem de Andrés Cáceres foi heroicizada e mitificada e ele se transformou em um símbolo de resistência e de luta, sendo eleito presidente do Peru entre os anos de 1886 e 1890. Contudo, enquanto chefe de Estado, se

[13] O termo *Gamonalismo* surgiu no Peru no contexto da segunda metade do século XIX. Ele servia para designar um fenômeno que ocorria na região da serra peruana, em que um proprietário latifundiário, assumia um controle autoritário e violento na zona de seu domínio, assemelhando-se a um senhor dos tempos feudais, uma vez que se colocava acima das leis da República.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

mostrou muito autoritário, sendo "*un buen militar pero un mal gobernante, pues Cáceres una vez en el poder se convierte en Dictador, aplicando una exagerada e innecesaria fuerza y violencia, en un país exhausto de ella, por lo recién acontecido*" (FIORINO, 2015, p. 15).

É relevante demarcar como se deu esta relação de Cáceres com os guerrilheiros indígenas. O militar conhecia muito bem as características e as particularidades da serra e do "mundo indígena". Ele tinha "sangue de índio" nas veias por parte da sua família materna e desde a mais tenra idade, aprendeu a falar com fluência o quéchua, sendo conhecedor das tradições e dos costumes nativos (PLASENCIA, 2005, p. 47-58). O relato abaixo, revela a forma como Cáceres se comunicava e se relacionava com os índios durante as suas campanhas militares de resistência contra os chilenos:

> Un día llegó a mi campamento de Andahuaylas un indiecito, armado con su rejón, en mi busca, mandado por las comunidades de Ayacucho. Encontrábame en la puerta de la comandancia con algunos jefes, cuando se me acercó el indiecito y, expresando su sorpresa al verme, me besó la mano y con voz conmovida díjome en quechua: [...] Taita: te creíamos muerto ¿Nos has abandonado? Pero ya nos tranquilizaremos, porque de nuevo apareces como el sol después de la noche oscura. Esta manifestación la hizo en términos tan patéticos, que me conmovió hondamente hasta el punto de nublar mis ojos de lágrimas; los jefes que me acompañaban, tampoco pudieron disimular su emoción. Le abracé con el cariño que siento por esta raza noble e infeliz, que por centenares estaba dando héroes a la patria e hice que descansara y se le atendiese con los alimentos de mi escasa mesa (CÁCERES, 1973, p. 246).

Cáceres, o líder militar da resistência peruana, se referiu aos indígenas de maneira afetuosa, enxergando-os como heróis da pátria e homens de uma "raça" nobre. Não obstante, é necessário demarcar que ele era proveniente de uma rica família de *hacendados* de Ayacucho, que se relacionava com os índios de forma paternalista, "*basado en uniones y lealtades sumamente sólidas, que en no pocos casos entrañaban incluso la muerte. Cáceres era muy consciente de ese tipo de vínculo, que conocía muy bien por razones familiares"* (PLASENCIA, 2005, p. 48).

Esse "homem de armas" que foi a principal liderança do rechaço e da oposição aos chilenos durante os anos de guerra, era proveniente da cultura serrana. Ele era de uma família de *gamonales* e se utilizou dos vínculos arraigados na tradição da serra andina de lealdade e de "proteção", estabelecidos entre as comunidades camponesas e os *hacendados,* para defender o seu interesse pessoal, enquanto militar de alta patente, de liderar o movimento armado de resistência do Peru contra os chilenos. Em última

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

instância, a maior beneficiada desta ação foi a própria pátria peruana, uma vez que Cáceres, militar de perfil carismático, recorreu ao relacionamento paternalista com as comunidades indígenas para articular uma reação e luta na serra contra o exército invasor. Contudo, esta estrutura paternalista das relações entre os caudilhos[14] militares e os índios e os mestiços não foi bem vista por Manuel González Prada:

> En el momento supremo de la lucha, no fuimos contra el enemigo un coloso de bronce, sino una agrupación de limaduras de plomo; no una patria unida y fuerte, sino una serie de individuos atraídos por el interés particular y repelidos entre sí por el espíritu de bandería. Por eso, cuando más oscuro soldado del ejército invasor no tenía en sus labios más nombre que Chile, nosotros, desde el primer general hasta el último recluta, repetíamos el nombre de un caudillo, éramos siervos de la Edad Media que invocábamos al señor feudal. Indios de punas y serranías, mestizos de la costa, todos fuimos ignorantes y siervos; y no vencimos ni podíamos vencer (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 23).

Em 1888, cinco anos após o término do conflito bélico, em um evento destinado a arrecadar fundos para a recuperação das cidades de Tacna e Arica, González Prada fez uma palestra que se converteu no manifesto intitulado *Discurso en el Politeama*. Neste escrito, ele não citou diretamente o nome de Andrés Cáceres, porém fez uma dura crítica contra o despreparo da "classe" política que esteve no poder ao longo de todo o período republicano e, em 1888, Cáceres era o presidente da nação.

Em sua crítica, o intelectual alegou que, ao contrário dos chilenos que demonstraram ter espírito de patriotismo, os índios e os mestiços peruanos que se envolveram na guerra não fizeram isto em prol da glória, da grandeza e da honra do Peru, mas sim, para defender os interesses particulares de alguns caudilhos militares. Ao explanar sobre esta prática, claramente, González Prada estava criticando à Cáceres. Isto significa que o autor desmereceu a forma como se deu os combates e a resistência no país, pois as forças armadas peruanas não fizeram isso por amor à pátria, mas sim por lealdades particulares. Para González Prada, não havia no Peru o espírito de união patriótica. A mensagem de *Discurso en el Politeama* foi a de que havia chegado o tempo de transformar esta realidade e que era necessário empreender uma revanche contra os chilenos.

[14] O caudilho é um chefe absoluto de um exército; um indivíduo que encabeça um grupo ou comunidade; um ditador político que comanda as pessoas em tempos de guerra (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2006, p. 298).

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

Discurso en el Politeama incentivou a nova geração a alimentar os sentimentos de fúria, de cólera e de rancor contra o Chile, uma vez que o intelectual acreditava que este estado de ânimo seria capaz de reverter as perdas territoriais peruanas por meio de outra guerra e tornar o Peru uma nação orgulhosa e forte. Para González Prada, a juventude peruana deveria se manter firme, se enfurecer e jamais perdoar e nem esquecer as ações dos chilenos, pois eles, na visão do intelectual, arruinaram o Peru. *"El puñal está penetrando en nuestras entrañas y ya perdonamos al asesino. Alguien ha talado nuestros campos y quemado nuestras ciudades y mutilado nuestro territorio y asaltado nuestras riquezas y convertido el país entero en ruinas de un cementerio*" (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 26).

Para que o Peru fizesse a sua revanche e recuperasse os seus antigos territórios expropriados e anexados ao Estado chileno, era necessário que, antes de tudo, os peruanos fortalecessem o seu sentimento de patriotismo e que o povo perdesse o seu "espírito de servidão", pois,*"cuando tengamos pueblo sin espíritu de servidumbre, y militares y políticos a la altura del siglo, recuperaremos Arica y Tacna, y entonces y solo entonces marcharemos sobre Iquique y Tarapacá, daremos el golpe decisivo, primero y ultimo"* (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 24).

Para além de ser um discurso anti-chileno, o escrito de González Prada foi um manifesto que intencionou incentivar o fortalecimento dos sentimentos de amor e de orgulho dos peruanos pela sua terra natal e pela sua própria gente.

> ¿Por qué desalentarse? Nuestro clima, nuestro suelo ¿son acaso los últimos del universo? En la tierra no hay oro para adquirir las riquezas que debe producir una sola Primavera del Perú. ¿Acaso nuestro cerebro tiene la forma rudimentaria de los cerebros hotentotes, o nuestra carne fue amasada con el barro de Sodoma? Nuestros pueblos de la sierra son hombres amodorrados, no estatuas petrificadas (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 25).

A mensagem do intelectual foi a de que os peruanos não eram piores e nem inferiores a nenhum outro povo do planeta. Além disto, valorizou o clima e as riquezas provenientes do solo peruano. *Discurso en el Politeama* foi uma forte declaração pública contra a ignorância e "espírito de servidão" da nação. Para González Prada, o motivo do Peru ter sido derrotado na guerra foi porque o país estava embrutecido e enfraquecido em consequência dos séculos de servilismo e subserviência que os setores dominantes impuseram aos indígenas, maioria da população do Peru. Logo, enquanto os

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

índios fossem tratados como serviçais e escravos na sociedade peruana, a nação seria eternamente decrépita e raquítica. *"Con las muchedumbres libres aunque indisciplinadas de la Revolución, Francia marchó a la victoria; con los ejércitos de indios disciplinados, y sin libertad, el Perú irá siempre a la derrota. Si del indio hicimos un servo ¿qué patria defenderá?*" (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 23). Isto significa que o indígena deveria ser retirado da sua condição de subalternidade social e sentir-se integrado à nação peruana a fim de defende-la e honrá-la quando necessário fosse.

O grande fator de ineditismo de *Discurso en el Politeama* ter afirmado que a autêntica pátria peruana era formada pelas multidões de indígenas. No entanto, o intelectual criticou o fato de que esses elementos, que eram a verdadeira "essência nacional", eram tratados como servos tanto pelo Governo quanto pela Igreja Católica. Para González Prada, esta situação fazia com que os índios "vegetassem" em estado de "incivilidade", ingenuidade, dependência e submissão, mas, havia chegado o momento da nova geração começar a mudar os rumos da história do Peru e contribuir para liberar os índios dos grilhões da servidão.

> Hablo, señores, de la libertad para todos, y principalmente para los más desvalidos. No forman el verdadero Perú las agrupaciones de criollos y extranjeros que habitan la faja de tierra situada entre pacífico y los Andes; la nación está formada por las muchedumbres de indios diseminadas en la banda oriental de la cordillera. Trescientos años ha que el indio rastrea en las capas inferiores de la civilización, siendo un híbrido con los vicios del bárbaro y sin las virtudes del europeo: enseñadle siquiera a leer y escribir, y veréis si en un cuarto de siglo se levanta o no a la dignidad de hombre. A vosotros, maestros de escuela, toca galvanizar una raza que se adormece bajo la tiranía del juez de paz, del gobernador y del cura, esa trinidad embrutecedora del indio. (GONZÁLEZ PRADA, 1977, p. 24)

A partir desta citação, podemos apontar algumas questões. González Prada negou que a essência da nação peruana fosse a *criolla* e defendeu que o autêntico Peru era indígena. Neste escrito, ele alegou que a instrução era uma ferramenta para que os índios fossem retirados da sua condição de subalternidade, imposta pelos governantes e pela Igreja, a fim deles se dignificarem. Contudo, o modelo educacional para dignificar ao índio, concebido pelo intelectual, era assentado em uma matriz ocidental, no sentido

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

de que o indígena deveria saber instrumentalizar a escrita e a leitura do espanhol para se desenvolver e fazer parte do mundo civilizado.

No Peru, González Prada foi uma das primeiras vozes a defender que o índio tinha o direito a receber uma educação. Mas o seu modelo de instrução possuía algumas limitações. O intelectual não percebeu que esse modelo educacional auxiliava que índios aprendessem o castelhano, mas, em contrapartida, se esquecessem e não instrumentalizassem o seu próprio idioma. González Prada enxergou os índios através da lupa da sua formação intelectual europeizada. Ele tinha uma perspectiva eurocêntrica da pedagogia, não reconhecendo a autoridade da cultura e dos ensinamentos indígenas, pois em seus escritos, era sempre o índio que ia à escola aprender com o homem branco, e não o contrário (WARD, 2009, p. 144-148).

O intelectual também fez uma denúncia contra a condição de subordinação social do indígena na sociedade peruana. Apesar de ele criticar a servidão do índio e defender a mudança do *status quo* no Peru, em *Discurso en el Politeama,* o autor não chegou a amadurecer uma ideia de como retirar o nativo desta situação de subalternidade. Ele tão somente apontou que a instrução poderia reverter este quadro social, civilizando os índios e integrando-os à nação.

Em *Discurso en el Politeama*, o autor reivindicou a identidade nacional para os indígenas, uma vez que afirmou que a verdadeira nação era formada pelas multidões de índios das cordilheiras dos Andes. Contudo, neste escrito, González Prada não demandou pela incorporação das tradições, dos costumes, da sabedoria, do idioma quéchua e da religiosidade dos povos indígenas. Por esta razão, acreditamos que esta questão do intelectual dizer que o verdadeiro Peru é indígena, deve ser pensada mais como um apelo para que os índios fossem integrados à comunidade nacional como cidadãos instruídos e com seus direitos respeitados, do que propriamente uma reivindicação da incorporação da cultura indígena como um traço da identidade nacional peruana.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Pacífico foi um conflito que traumatizou e marcou a sociedade peruana como um todo. Uma gama de intelectuais buscou entender quais foram as razões da derrota do Peru e, o "problema do índio", acompanhou essas discussões.

Sabemos que o governo do Peru, temendo a sanha expansionista dos chilenos, assinou o Tratado de Aliança Defensiva com a Bolívia. No entanto, foi inconsequente e imprevidente ao aceitar aderir a um acordo pactual tão sério quanto o TAD e não ir se planejando e se preparando militarmente para uma eventual guerra. Ao decidir se envolver no conflito entre bolivianos e chilenos e "comprar uma briga" que, a princípio, não era a sua, o Peru assumiu um enorme risco em relação a sua soberania nacional ao declarar guerra justamente contra o Chile: a mais poderosa potência militar e econômica localizada à costa do Pacífico na América do Sul.

Ricardo Palma, homem ligado a elite abastada peruana, buscou pelos culpados e os responsáveis pela derrota do Peru no confronto contra os chilenos. Ele foi a voz que representou a mentalidade dos setores dirigentes que precisavam de um bode expiatório para justificar o fracasso peruano na Guerra do Pacífico. Assim, foi mais fácil e cômodo culpabilizar a população indígena, motivado por preconceito racial, do que responsabilizar aos homens à frente do Estado pelos seus erros de estratégia militar e pelos seus equívocos em termos de política externa, no âmbito das relações diplomáticas entre o Peru e o Chile.

Por outro lado, para González Prada, o Peru não perdeu o confronto ante aos chilenos em virtude de nenhum tipo de inferioridade nata dos índios, mas sim, porque os indígenas eram tratados como servos e subalternos na sociedade peruana. Logo, a pátria, na visão pradiana, já estava condenada à derrota de antemão, pois os filhos de seu solo, abandonados pelas elites dirigentes à própria sorte, não tinham sentimentos de patriotismo e de devoção para com a nação.

Cadernos Prolam/USP, v. 18, n. 34, p. 74-94, jan./jul. 2019
DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

BARBOSA, Maria Rita. A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei nº 10.639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, Uberlândia, n. 2, p. 260-272, 2016.

BECHELLI, Ricardo. A Guerra do Pacífico (1879-1883) e o pensamento antirracista de Manuel González Prada. **Proj. História**, São Paulo, n. 31, p. 359-374, 2005.

BONILLA, Heraclio. Guano y crises en el Peru del XIX. In: ARANÍBAR, Carlos (org). **Nueva historia general del Peru:** un compendio. Lima: Mosca azul editores, 1982, p. 123-135.

CÁCERES, Andrés. **La guerra del 79:** sus campañas. Memorias. Lima: Carlos Milla Batres, 1973.

CÁCERES, Zoila Aurora. **La campaña de La Breña. Memorias del Mariscal del Perú D. Andrés A. Cáceres.** Tomo I. Lima: Imprenta Americana, 1921.

CANAVEZE, Rafael. **O Brasil e a Guerra do Pacífico:** alianças estratégicas e relações diplomáticas (1879-1883). 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas***:* o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CATANELI, Pedro. **Manuel González Prada (1844-1918):** História, debate e pensamento. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. El ensayo de Manuel González Prada. **Revista Iberoamericana**, v. XLII, n. 95, p. 239-249, 1976.

CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. **Historia del Perú contemporáneo**. Lima: IEP, 2007.

DAVIDSON, John. História, identidade e etnicidade. In: LAMBERT, Peter. **História: introdução ao ensino e a prática.** Porto Alegre: Penso, 2011.

FIORINO, Victor. **Manuel González Prada:** un anarquista "sui generes". 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidad Católica de Colombia, Bogotá, 2015.

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Politeama. In: GONZÁLEZ, PRADA, Manuel: **Ensayos escogidos.** Lima: Editorial Universo S.A, 1977, p. 21-27.

DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550

_____. Impresiones de un reservista. In: GONZÁLEZ PRADA, Manuel. **Ensayos (1885-1916).** Lima: Universidad Ricardo Palma – Editorial Universitaria, 2009, p. 319-324.

_____. Perú i Chile. In: GONZÁLEZ PRADA, Manuel **Artículos escogidos.** Lima: Populibros – informática brasa ediciones, 2004, p. 15-22.

HEINSFELD, Adelar. O tratado secreto Peru-Bolívia (1873), a tentativa de envolver a Argentina e as relações diplomáticas Brasil-Chile. **XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS:** Ensino, direito e democracia. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016, p. 1-12.

MANRIQUE, Nelson. **Campesinado y nación:** Las guerrillas indígenas en la guerra con Chile. Lima: Centro de investigación y capacitación – Editora Ital Perú S. A, s/d.

PALMA, Ricardo. **Cartas a Piérola sobre la ocupación chilena de Lima.** Lima: Editorial Milla Batres, 1979.

PLASENCIA, Hugo. **Una aproximación política, social y cultural a la figura de Andrés A. Cáceres entre 1882 y 1883**. 2005. 441 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2005.

PORTOCARRERO, Gonzalo. El indio como prójimo: González Prada y el nacimiento de la tradición democrática en el Perú. In: WARD, Thomas. **El porvenir nos debe una victoria:** La insólita modernidad de Manuel González Prada. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2010, p. 215-228.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario esencial de la lengua española.** Madrid: Espasa Calpe, 2006.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Don Manuel.** Lima: Populibros peruanos, s/d.

SANTAROSA, Felipe. **Rivalidade e integração nas relações chileno-peruanas:** implicações para a política externa brasileira na América do Sul. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2002.

UGARTE, Rubem Vargas. Prologo. In: PALMA, Ricardo. **Cartas a Piérola sobra la ocupación chilena de Lima.** Lima: Editorial Milla Batres: 2 ed, 1979, p. 9-15.

WARD, Thomas. **Buscando la nación peruana.** Lima: Editorial Horizonte, 2009.

Recebido em: 27/08/2019
Aprovado em: 21/12/2019
Publicado em: 26/12/2019